



## **Do objeto como real impossível ao objeto mais de gozar: sobre os impasses do sujeito e da civilização**

**Tania Coelho dos Santos**

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)  
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)  
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)  
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)  
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise  
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)  
E-mail: [taniacs@openlink.com.br](mailto:taniacs@openlink.com.br)

A contingência, e não a necessidade, produziu um ponto de afinidade entre os diferentes artigos que chegaram às nossas mãos. O objeto em suas duas versões: enquanto Real impossível e enquanto resto da articulação significativa no discurso é interrogado em sua relação aos impasses que se manifestam nos discursos, sintomas e laços sociais. Mais uma vez, verificamos que não há clínica do sujeito sem clínica da civilização.

Fui levada pelos acontecimentos mais recentes da história do Brasil – o mergulho da esquerda no mar de lama da corrupção – a me perguntar: em que medida o espírito, o gosto e o apelo revolucionário podem ser classificados em conformidade com a relação que manifestam ao real enquanto impossível? É urgência de satisfação pulsional no limite da violência, da transgressão, do apelo à corrupção e explicaria – graças à sua estrutura – o tipo de fracasso que acometeu os governos do partido dos trabalhadores? Surpresa com a adesão sincera da maior parte de meus colegas psicanalistas à defesa do PT, me perguntei: e o desejo do analista? Tem a mesma estrutura? É revolucionário em seu *pathos*, ou é o seu contrário? Qual é o lugar que o conceito de revolução pode ocupar no nosso campo? A pulsão de morte, o real, o trauma, a angústia, a violência, a feminilidade, por exemplo, são conceitos que apontam para uma disposição potencialmente revolucionária – disposta à tudo – que habitaria a esfera mais íntima de cada um?

Fernanda Costa-Moura interroga a prática da corrupção na política brasileira, enquanto ela seria baseada num princípio (buscar obter vantagem, independentemente de questões éticas ou morais) a ser seguido, traço pouco lisonjeiro que passou a ser visto como característico da população e do 'caráter nacional'. Partindo da emergência de um chiste no Brasil do final dos anos 70 (Gosto de levar vantagem em tudo, certo?), que ficou conhecido como a "lei de Gérson", e das análises de Lacan sobre o fundamento econômico do gozo, ela procura discernir o que seria a intervenção da psicanálise quanto ao gozo na contemporaneidade, e, especialmente, na conjuntura atual do país.

A intervenção do analista na mediação de conflitos e o problema do gozo inercial que não se deixa dialetizar é o problema de que se ocupam Charlisson Mendes Gonçalves e Ilka Franco Ferrari. Propõem uma leitura e uma prática do resto não mediável no Programa Mediação de

Conflitos da Secretaria de Estado de Defesa Social/MG, articulando-a a pressupostos psicanalíticos. A partir das construções de Freud e Lacan sobre o inconsciente e o ideal de felicidade, o resto aparece onde há conflitos cuja saída é uma impossibilidade e, se a eliminação é impossível, a solução reside na transformação.

Claudia Figaro-Garcia também se dedica ao objeto de gozo em jogo na mediação de conflitos no caso de fugas de casa na adolescência a partir dos casos atendidos no Projeto Caminho de Volta, tais como: a violência doméstica, os conflitos com o Outro familiar, as errâncias e passagens ao ato, as mudanças no real do corpo e o encontro com o Outro sexo. O ato de fugir permite abordar a dimensão do objeto de gozo a que se reduz um adolescente em sua passagem ao ato.

Ainda sobre a questão do objeto como resto de gozo, Narada Miguel Lopez Vidaurre e Andrea Martello fazem uma reflexão sobre o corpo para a psicanálise, abordando o que se paga ao entrar na linguagem. Para tanto o corpo é pensado a partir da metáfora extraída por Lacan em *O Mercador de Veneza*, como uma libra de carne presa na máquina formal da linguagem. Esta metáfora permite estabelecer as relações do corpo com a falta e a dívida, em relação à linguagem. Posteriormente, será articulado o corpo com o discurso capitalista, enquanto este é um fato da linguagem com uma incidência muito marcada na época atual. Os autores trazem uma série de consequências para o funcionamento e o modo de usufruirmos de nosso corpo, como por exemplo a falta de limites ou o gozo sem medida.

Flávia Lana G. de Oliveira contribui para esta discussão acerca das relações enigmáticas entre o objeto enquanto resto de gozo e o capitalismo, com a resenha do livro de Richard Sennett intitulado *A cultura do novo capitalismo*. O autor denuncia que a flexibilização da burocracia nas relações capital/trabalho não produziu, como se esperava, um adensamento e uma maior espontaneidade nos laços sociais. Ao contrário, cresceu entre os trabalhadores a indiferença e o isolamento social.

Também Éverton Cordeiro e Márcia Luchina propõem um estudo lacaniano sobre o objeto como resto, através da pulsação e da memória de gozo no inconsciente. O artigo percorre a abordagem do conceito de inconsciente no ensino de Lacan dos anos 1960, durante os quais ele apresenta uma nova formulação que permite um avanço em relação à sua proposição inicial do inconsciente estruturado como linguagem. Partindo da descontinuidade e da hiância, Lacan define o inconsciente como homólogo a uma zona erógena que se abre e se fecha numa pulsação temporal. O inconsciente é formalizado, através da aliança entre o simbólico e a pulsão, entre a estrutura de linguagem e o gozo. O significante é definido como "aparelho de gozo" e não apenas como elemento estrutural da linguagem. Assim, ele se torna também aparelho produtor de entropia, ponto de perda pelo qual se tem acesso ao que está em jogo no gozo. Os autores ressaltam que esta formalização tem implicações sobre a prática do analista. A interpretação analítica não poderá estar aberta a todos os sentidos.

O objeto do gozo enquanto resto do infantil é o tema de Karina de Souza, que examina a articulação entre o conceito freudiano de *Coisa – das Ding* – e a concepção psicanalítica de *infantil*. Seu percurso teórico parte do artigo “Projeto para uma Psicologia Científica” no qual Freud delimita o conceito de *Coisa - das Ding* -, concebendo-o como dimensão indizível da condição humana. Em seguida, esse conceito é articulado ao *infantil*, que é definido na psicanálise como elemento psíquico inconsciente, decorrente da primeira experiência de satisfação vivida na relação com o Outro. Nessa conjuntura, o infantil é considerado atributo da sexualidade do sujeito. Discute, portanto, que o *infantil* é a estrutura psíquica que possibilita uma expressão discursiva para aquilo que, do ser, é sempre indizível – a *Coisa, das Ding*.

E, finalmente, o objeto aparece em sua dimensão de dejetivo, de horror, em “A beleza que vela o feminino”. Maria Cristina Bion Cardoso parte de que Freud, referindo-se à mulher como “continente negro”, se interroga: “O que quer uma mulher?”. Lacan responde: “A mulher não existe”, o que ele expressa no matema:  $S(\mathcal{A})$ . J.-A. Miller, ao comentar essa afirmação de Lacan, indica que ela é a “amiga do real”. A autora conclui que há uma afinidade entre  $\mathcal{A}$  mulher e o atributo da beleza, ou seja, a beleza como um recurso para ser identificada ao falo, na tentativa de escamotear o objeto irrepresentável de sua castração.

Espero que a leitura destes artigos suscite uma compreensão mais aguda da importância do objeto, seja em sua dimensão de real impossível, seja quanto “resto de gozo” – “gozo à mais” ou do “gozo à menos” – como estratégia para abordar os impasses da clínica do sujeito e da clínica da civilização.

A todos os autores que contribuíram com a sua “libra de carne” para o sucesso deste novo número de aSEPHallus, o meu e de toda a minha equipe, muito obrigada!

**Citação/Citation:** Coelho dos Santos, T. (nov. 2016 a abr. 2017). Do objeto como real impossível ao objeto mais de gozar: sobre os impasses do sujeito e da civilização. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(23), 1-3. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n23p1-3.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 01/03/2017 / 03/01/2017.

**Aceito/Accepted:** 01/03/2017 / 03/01/2017.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.